



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**



ZENAIDE DA ROCHA SANTOS

**CRITÉRIOS DE RARIDADE DAS OBRAS RARAS PARA A PRESERVAÇÃO,
ACESSO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2014

ZENAIDE DA ROCHA SANTOS

**CRITÉRIOS DE RARIDADE DAS OBRAS RARAS PARA A PRESERVAÇÃO,
ACESSO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Telma de Carvalho

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Zenaide da Rocha

S237c Critérios de raridade das obras raras para a preservação, acesso e disseminação do conhecimento / Zenaide da Rocha Santos ; Orientadora Telma de Carvalho. – São Cristóvão, 2014.
50 f. : il., color.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Documentação)
Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. Livros raros. 2. Livros - História. 3. Disseminação do conhecimento. I. Carvalho, Telma de. orient. II. Título.

CDU 094

ZENAIDE DA ROCHA SANTOS

**CRITÉRIOS DE RARIDADE DAS OBRAS RARAS PARA PRESERVAÇÃO,
ACESSO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Telma de Carvalho

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Telma de Carvalho

Profa. Ma. Glêyse Santos Santana

Profa. Ma. Márcia Ivo Brás

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2014

Dedico este trabalho
a minha família

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus. Àquele que sempre, quando eu pensava em desistir me animava a insistir, a quem devo minha vida, tudo o que tenho e tudo o que sou.

Aos meus pais, Maria Alves da Rocha e Cícero Rodrigues Santos (in memoriam), pelo amor incondicional e desmedido, pela força, ânimo e incentivo, confiança e principalmente pelos conselhos que me ensinaram a perseverar no bem e buscar sempre ser uma grande profissional.

Ao meu esposo, Luiz Carlos dos Anjos Santos, pela compreensão e incentivo dados durante o curso.

Aos meus filhos, Harrim Luiz, Cleziane e Ozéias, expressão do meu amor, muito obrigada por compreenderem as minhas ausências, para concluir esta etapa.

Aos meus irmãos e grandes amigos, agradeço a compreensão, os conselhos, as orientações, a amizade e o companheirismo nessa batalha (isso também envolve meus cunhados e cunhadas), amo vocês.

Ao Núcleo de Ciência da Informação - NUCI, na pessoa dos professores Fabiano Ferreira de Castro, coordenador e Martha Suzana vice coordenadora, à época, pelo constante apoio.

Aos colegas do curso que sempre torceram por minha vitória.

Ao NUCI e demais professores que compõem esse curso tão querido e especial para mim.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Telma de Carvalho, por este trabalho, obrigada pela paciência, pela compreensão, por entender as minhas dificuldades e ansias, enfim, obrigada por TUDO.

Aos amigos da BICEN que colaboraram comigo, de forma especial à Rosa Gomes Vieira e a tantas outras pessoas que prefiro não mencionar para não correr o risco de esquecer, portanto, minha gratidão sincera a todos indistintamente.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, participaram da minha vida nesses anos de aprendizado, torceram e agora se alegram com mais essa vitória.

Que Deus abençoe a todos!

“Há livros de que apenas é preciso provar,
outros que têm de se devorar, outros, enfim, mas
são poucos, os indispensáveis, por assim dizer,
mastigar e digerir.” Francis Bacon

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema das obras raras, material indispensável ao entendimento da construção do saber. Procura retratar as condições apresentadas na literatura para que uma obra tenha o caráter de raridade. Expressa, por meio desse levantamento, os critérios que são adotados para designar uma publicação como obra rara. Percebe-se, entretanto, que os critérios são pautados naqueles utilizados pela Fundação Biblioteca Nacional – FBN. Procura, desta forma, compreender melhor esse tema para explorar e ampliar a visão do que é considerado raro dentro de uma biblioteca, analisar os critérios de raridade nas unidades brasileiras de informação e investigar o que é necessário para possibilitar a disseminação das obras raras. Além disso, busca também refletir sobre as características das obras para serem consideradas edições de luxo e/ou coleções especiais.

Palavras-chave: Obras raras. Critérios de raridade. Biblioteca. Disseminação do conhecimento.

ABSTRACT

This study presents the field rare books, indispensable material to the knowledge construction. It's find to relate the conditions presented in the literature for one book has the rarity character. Express, in the order to bibliographic dates, the criterions adopted to say that a book is rare. It's possible observe, however, that the rarity criterions are, in the most of cases, those adopted for the Fundação Biblioteca Nacional. It's look like, to this manner, to understanding this field and explore the vision for what is considered, in the brazilians libraries, rarity criterions. Intend, too, to investigate what is necessary for disseminations of the rare books. On the other hand, intend, too, to know what are the characteristics to distinguee, a rare book, an edition of lux or specials collections.

Keywords: Rare books. Criteria of rarity. Library. Dissemination knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Tabuletas de argilas.....	13
FIGURA 2 - Arte rupestre	13
FIGURA 3 – Diamond Sutra.....	14
FIGURA 4 – Papiro	15
FIGURA 5 – Códice.....	17
FIGURA 6 – Biblioteca Nacional.....	22
FIGURA 7 – Divisão do pergaminho em quaternos	29
FIGURA 8 – Dois cadernos.....	29
FIGURA 9 – Incunábulos.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa	11
1.2	Objetivos	11
1.2.1	Objetivo Geral	11
1.2.2	Objetivos específicos	11
1.3	Metodologia	11
2	O LIVRO	12
2.1	História do livro no mundo antigo	12
3	OBRAS RARAS	19
3.1	Critérios de raridade	23
3.2	Coleções especiais	25
3.3	Edições de luxo	27
4	HISTÓRIA DA ENCADERNAÇÃO	28
5	A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	32
5.1	Biblioteca Digital	33
5.2	Biblioteca Digital de Obras Raras	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE A	43
	APÊNDICE B	44
	APÊNDICE C	45
	ANEXO A	47
	ANEXO B	48
	ANEXO C	49
	ANEXO D	50

1 INTRODUÇÃO

“Os livros podem ser divididos em dois grupos: aqueles do momento e aqueles de sempre.” John Ruskin.

O livro é uma tecnologia que vem sendo utilizada através dos séculos. Por concentrar uma grande quantidade de informações, ele se tornou indispensável a toda humanidade. No decorrer dos tempos assumiu vários formatos e, no final do século XX, surgiu o livro eletrônico, ou seja, o livro lido num computador. Mesmo diante de tanta tecnologia, a leitura em suporte papel ainda é a mais utilizada. Depois da internet, a biblioteca ficou um pouco desacreditada, mas, conforme ela foi assumindo algumas adaptações tecnológicas, atendeu aos anseios dos usuários. No entanto, ela continua sendo uma importante disseminadora do conhecimento.

A biblioteca oferece aos diversos tipos de usuários várias possibilidades de leituras. Mas, entre essas leituras, está a de coleção de obras raras, no qual o acesso é restrito. Diante da necessidade de selecionar materiais considerados raros, algumas bibliotecas criam manuais sobre critérios de raridade, para poderem melhor definir o que é raro ou não.

As obras raras são muito importantes porque elas resgatam um passado que estava há algum tempo esquecido, elas são verdadeiros tesouros. O acervo de obras raras representa para a humanidade um patrimônio histórico-cultural. No Brasil, geralmente, as coleções de obras raras são criadas para acomodar outros materiais herdados ou adquiridos pela biblioteca ou de outras coleções já existentes. Muitas dessas coleções foram formadas através de doações de bibliófilos e colecionadores.

A presente pesquisa visa levantar na literatura os critérios adotados pelas bibliotecas e que são utilizados para a identificação de obras raras, demonstrar as diferenças entre obras raras, edições de luxo e coleções especiais e verificar a importância da obra rara para a disseminação do conhecimento.

As pesquisas sobre critérios de obras raras ainda são escassas, contudo, elas são abrangentes e este tema, como objeto de discussão, é muito importante para a sociedade.

1.1 JUSTIFICATIVA

Primeiramente este trabalho se justifica pela escassez de pesquisas sobre o tema das obras raras e, em particular, sobre os critérios de raridade existentes nas bibliotecas para identificação de uma obra rara. Para esta pesquisadora, o que motivou o tema foi por ele ser abrangente, despertar a curiosidade e também por ter um caráter informacional e cultural muito relevante para que se torne objeto de pesquisas e discussões.

Identificar os critérios de raridade é imprescindível para a compreensão das obras raras, tanto por parte dos profissionais, quanto dos usuários.

1.2 Objetivos

A seguir serão descritos os objetivos que se pretendem alcançar com este trabalho de conclusão de curso.

1.2.1 Objetivo Geral

- Levantar, na literatura, os critérios utilizados para identificar obras raras.

1.2.2 Objetivos específicos

- Demonstrar as diferenças entre obras raras, edições de luxo e coleções especiais.
- Verificar a importância da obra rara para a disseminação do conhecimento.

1.3 Metodologia

Sob o ponto de vista do objetivo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois visa proporcionar mais familiaridade com o problema através de levantamentos de informações por meio de bases de dados e documentos localizados na Internet. O levantamento bibliográfico englobou suportes como: livros, periódicos, monografias, dissertações e teses, anais de eventos e foram localizados em catálogos eletrônicos de bibliotecas universitárias.

2 O LIVRO

O livro, enquanto objeto de estudo, foi, a partir da invenção da imprensa, o grande precursor das mudanças em relação à disseminação do conhecimento entre a sociedade. O que antes era restrito a um grupo fechado de pessoas, passa, gradativamente, a atingir outros atores na sociedade que veem, nesse novo acesso à informação, a possibilidade de entender melhor o mundo onde vive.

Porém, antes de se chegar ao livro, propriamente dito, muito do conhecimento difundido entre os povos era feito oralmente. A escrita impulsionou uma nova maneira de disseminação do conhecimento e será tratada a seguir, de maneira mais abrangente.

2.1 História do livro no mundo antigo

Nos dias atuais ainda são encontrados por arqueólogos, sinais escritos nas paredes das cavernas pelos povos da antiguidade. Estes sinais e imagens de animais representavam o cotidiano vivido na época e essas representações são conhecidas por artes rupestres. Somente, cerca de quatro mil anos a.C., é que apareceu a escrita em forma de código. Essa escrita tinha origem sumeriana e ficou conhecida como cuneiforme. Era utilizada uma argila mole, que depois de secada ao sol, se tornava uma placa de argila.

Os suportes e formatos utilizados no decorrer da história foram inúmeros. Temos pictogramas nas paredes das cavernas, se considerarmos a pictografia como forma de escrita. Encontramos também representações de tabuletas de argila na Mesopotâmia, pequenas o suficiente para serem manuseadas, e várias delas podiam ser agrupadas para formar uma espécie de livro. (SIMÕES, 2008, p.20).

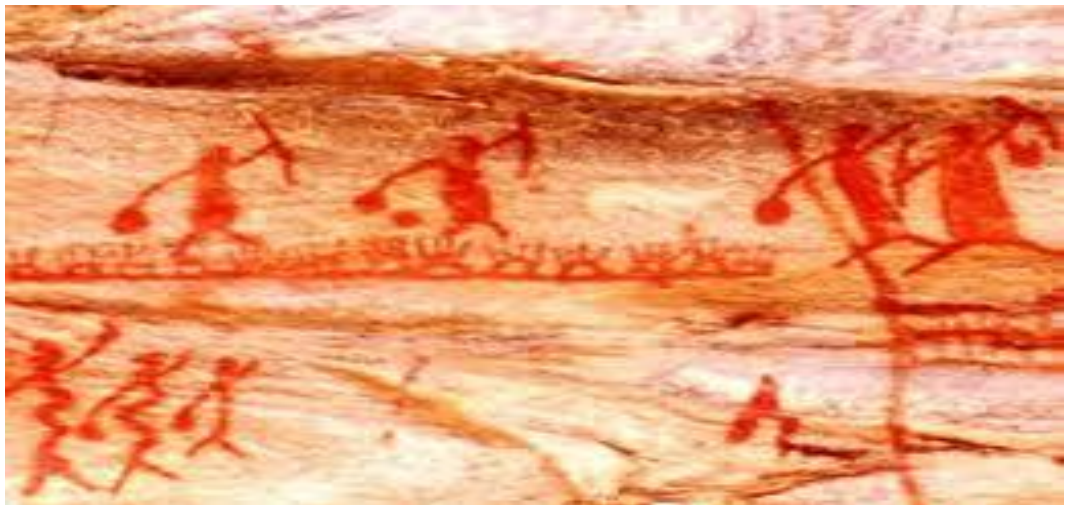
Para Sampaio (2009) a pictografia é uma forma embrionária de escrita, cuja característica das sociedades pré-históricas e não-tecnológicas adquire uma discriminação cuidadosa para que o elemento representado não seja confundido com outro.

Figura 1 – Tabuletas de argila



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=tabuletas+de+argila&tbm=>

Figura 2 – Arte Rupestre.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=rupestre&tbm=isch&tbo>

Na China antiga, os chineses escreviam nos cascos das tartarugas; eles consideravam essa escrita como se ela fosse divina, porque as linhas que surgiam nos cascos desses animais eram interpretadas por mágicos que respondiam às perguntas dos clientes. Os primeiros suportes reconhecidos como livro foram os: jianci ou jiandu, surgidos na China. Eram tiras finas de bambu ou madeira, tinham forma de rolo, eram atados por um cordão e suas inscrições eram feitas com tinta resistente.

Segundo Lyons (2011) esses livros apresentavam fragilidades e podiam apodrecer e a tinta perder a cor. Ainda assim, eles continuaram a serem usados mesmo depois do aparecimento do papel. Outro suporte utilizado em grande escala foi a seda, bem diferente dos primeiros livros; era mais resistente e seu tecido leve, só que mais caro que o bambu. É atribuído a Cai Lun (105 d.C), membro da corte imperial, a invenção do papel. Para a fabricação do papel era utilizado: trapos velhos, cânhamo, casca de árvore e redes de pesca.

O mais antigo livro impresso é o “Diamond Sutra” ou Sutra do Diamante. Trata-se de uma coletânea de textos budistas que os chineses os teriam produzidos em 868 d.C. Este livro de ensinamentos budistas ficou em uma caverna fechada no noroeste da China, escondido por muito tempo. Os textos e as ilustrações é de cunho religioso. Dos documentos do Budismo, ele é considerado um dos mais importante.

Figura 3 – Diamond Sutra



Fonte: Manual do encadernador

Foi preciso alguns séculos para o papel substituir o bambu e a seda, porém, no final do século II, ele era utilizado em grandes quantidades pela Realeza. Até cerca de 610 d.C. essa tecnologia era divulgada somente na China. Apenas no século XII é que essa tecnologia ficou conhecida na Europa, através da Espanha, conforme comenta Lyons (2011).

Em 1100 d.C. o tipo móvel é criado pelos impressores chineses; 400 anos depois na Europa, Gutemberg, em sociedade com Johann Furst e Peter Schöfer, depois de vários experimentos, aperfeiçoa os tipos móveis já existentes e cria a imprensa, provavelmente em 1440 em Mogúncia, cidade da Alemanha.

Mesmo com a invenção da imprensa, os chineses continuaram a fazerem suas impressões manualmente, pois eles acreditavam que dessa maneira o conhecimento era melhor absorvido. Segundo Le Goff, (2007) a invenção da imprensa não atingiu de maneira plena os seus objetivos na China, mas, em se tratando da memória, suas façanhas foram muito relevantes, ao menos nas classes mais cultas, pois eles puderam imprimir documentos científicos e técnicos, contribuindo, dessa maneira, pela rapidez e amplitude da memorização do saber.

Imprimir em grandes quantidades não era prioridade na China, já que fora do palácio real não havia um mercado real para os livros. Os chineses do século XI e os coreanos do século XII utilizavam a tecnologia de imprensa baseada em madeira, pois era mais adequada ao tipo de papel de seus países.

Figura 4 - Papiro



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=origem+do+papel&source>

O papiro foi o primeiro suporte em papel sendo utilizado na produção de livros no Egito, na Grécia e em Roma. O Egito o exportava, também controlava e mantinha segredo de sua fabricação.

O caule do junco era cuidadosamente retirado sob a forma de tiras, que eram estendidas em uma camada. Em seguida, acrescentava-se uma segunda camada, em ângulo reto com a primeira. Então, a folha de papiro era pressionada – o fluido da planta mantinha juntas as camadas. As folhas acabadas eram polidas com pedra-pomes ou conchas. Como a folha de papiro era composta de duas camadas sobrepostas, a direção das fibras era diferente em cada lado, daí os termos *recto* (quando estava disposto no horizontal) e *verso* (quando na vertical). Geralmente, porém, o papiro recebia escrita apenas no lado interno e macio. As folhas podiam ser cortadas no tamanho desejado e, se necessário, coladas para um rolo mais longo. No período dos faraós, os rolos geralmente não ultrapassavam 6m, embora rolos muito maiores tenham sido descobertos em túmulos. Uma vara de madeira podia ser presa à última folha. Era o umbigo (*umbilicus* em latim), que facilitava o manuseio do livro. (LYONS, 2011, p. 21).

Conforme destaca Simões (2008), no século XVIII, achava-se que todos os manuscritos de papiro já haviam sido destruídos. Entretanto, no século XIX, importantes papiros foram encontrados na região do Mar Morto por terem sido guardados em condições ideais de preservação. Boa parte dos Rolos do Mar Morto, descobertos entre 1947 a 1956, é escrita em papiro.

A partir do século I d.C. deu início a uma disputa entre o pergaminho e o papiro. No começo, essa nova técnica era conhecida por *Charta Pergamena* (“papel de pergamin”) em latim, em homenagem a cidade de Pergamum, localizada na atual Turquia.

Vantagens do pergaminho:

- Produzido por várias civilizações;
- Por ser derivado de peles de animais, era mais durável;
- Podia ser dobrado e costurado a outras folhas e
- Era raspado e reutilizado = “palimpsesto”

A desvantagem do pergaminho é que era exigido o abatimento de animais e sua produção tornava-se cara.

A Grécia antiga introduziu a escrita alfabética no mundo ocidental, ela foi muito aplaudida porque tornou a leitura e a escrita muito mais acessíveis. Os gregos usavam a scriptio contínua, isto é, produziam textos sem interrupção e como não usavam pontuação, seus textos eram difíceis de ler; o único jeito de

entender era lendo em voz alta. Eles encaravam a leitura como um desempenho oral (LYONS, 2011).

Quanto às formas em que esses três materiais foram mostrados, são duas as principais: o rolo e o códice. O rolo foi a forma mais comum do livro por cerca de três milênios. Era obtido pela junção de várias folhas de pergaminho ou papiro, de modo a se obter uma tira, de cujo comprimento dependia a capacidade de armazenagem de texto do rolo. Nos de comprimento menor, um pedaço era fixado numa das extremidades da tira, e esta era enrolada sobre ele. Nos de comprimento maior, em ambas as extremidades eram fixados cilindros de madeira e a tira era enrolada em ambos, em direção ao meio. Nos dois casos a leitura exigia o uso de ambas as mãos, uma desenrolando e a outra enrolando ao passo que o texto era procurado ou lido. (SIMÕES, 2008, p.29).

O códice, que eram páginas individuais frouxamente unidas em um dos lados, surgiu nos primeiros séculos da era cristã. Substituiu, ao longo do tempo, o rolo ou volume e tornou-se forma material que durou por 17 séculos. Os primeiros a adotarem o códice foram os cristãos primitivos. O códice era coberto por algum tecido ricamente decorado e, para um livro sagrado ou de festa, sendo de ouro e prata, geralmente era coberto com pranchas simples.

Figura 5 - Códice



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=&imgrefurl=http%3A%2F%2Fcalendariosagra.do.org>

Chartier (2002, p.106) comenta que

No século IV da era cristã, uma nova forma de livro impôs-se definitivamente, em detrimento daquele que era familiar aos leitores gregos e romanos, o códex, isto é, um livro composto de folhas dobradas, reunidas, encadernadas. Suplantou progressiva, mas inelutavelmente os rolos que até então haviam carregado a cultura escrita. Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis, tornaram-se comuns: assim, escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do códex transformaram profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre o leitor e seus livros.

O livro assumiu um novo formato depois do códice, bem diferente do rolo ou volumen, o livro podia ser lido sem precisar utilizar as duas mãos. A partir daí, pôde-se acrescentar números de páginas, índices, cabeçalhos e resumos. Os primeiros códices eram considerados minibibliotecas, porque era uma mistura de diferentes textos em línguas diferentes. Diante disso, ficou muito mais fácil marcar um livro.

Segundo Verger (1999) o livro da antiguidade, cuja produção, confecção e circulação eram cercadas de muitos obstáculos que lhes tornavam difícil o acesso. O livro custava caro. Para a produção de um livro era obtido cerca de dez a dezesseis folhas por pele, e o pergaminho era um material muito caro.

Devido a onerosidade do material para produção de livros, poucas pessoas tinham acesso a eles, tornando-se o livro uma raridade. Os livros eram mais acessíveis aos príncipes de sangue e aos homens de saber. Os mais ricos possuíam bibliotecas particulares que as consideravam-nas verdadeiros tesouros.

Na Idade Média existiam três tipos de bibliotecas: a primeira são as bibliotecas principescas, destinadas aos familiares do soberano, seus visitantes distintos e seus conselheiros políticos. A segunda são as bibliotecas das catedrais, dos mosteiros e dos conventos, eram bibliotecas eclesiásticas ricas em textos religiosos e em livros litúrgicos. Por último as bibliotecas mais “modernas”, eram as dos conventos que viviam de doações, onde podiam compartilhar do espaço; estudantes, leitores que frequentavam o convento e pregadores.

Durante muitos séculos, os livros foram produzidos sem grandes alterações no seu processo produtivo. Passaram por vários estágios até chegar aos nossos dias. Porém, para ser um livro raro ou não, está atrelado às condições em que ele se apresenta, como veremos no próximo capítulo.

3 OBRAS RARAS

Os livros considerados raros no Brasil e que se encontram nas bibliotecas, ficam, via de regra, numa sala onde o usuário só poderá acessá-los com a presença de um bibliotecário encarregado de lidar com essas obras. Por causa dos critérios de raridade, eles não podem ser removidos e nem emprestados, limitando-se o acesso dos usuários a esses livros.

Segundo Pinheiro (2008) “As simbólicas do labirinto e do invisível adequam-se perfeitamente à realidade do livro raro no Brasil”

A realidade a qual a autora se refere incide-se nas condições de existência real de livros considerados raros, preciosos e únicos em um Brasil onde, subordinados aos aspectos políticos e administrativos, a biblioteca e tudo que é necessário à sociedade, ocupam lados opostos da mesma escala de valores.

Pinheiro (2008) ressalta que:

A biblioteca de livros raros é um engenho que desafia a argúcia do leitor potencial, que vaga sem rumo, porque não dispõe de indicadores de coleções, de guias de instituições de guarda. Desse modo, a biblioteca de livros raros configura-se como entidade invisível. Invisível, aqui, não é aquilo que, pela sua pequenez, natureza ou distância a que se acha, escapa ao sentido da vista; mas sim, o que se esconde aos olhos de quem não dispõe dos instrumentos necessários para “ver” – muitas vezes, sabe-se que o livro raro está ou só poderia estar em determinada biblioteca, mas, entre saber da sua presença e poder alcançá-lo há um considerável “tatear no escuro”.

Para a autora citada acima, as bibliotecas que possuem livros raros, precisam dispor de instrumentos que indiquem sua localização, para que o usuário-pesquisador tenha acesso a eles. A biblioteca de livros raros é comparada a uma prisão, onde o livro está “preso”, pois ele pode ser visto, mas não pode ser tocado.

Conceituar obra rara não é uma tarefa fácil, pois são vários fatores analisados para que uma obra seja considerada rara. Quando se pensa nesse tipo de obra, geralmente, lembra-se de livros antigos. No entanto, nem todos os livros antigos são raros, pois existem vários fatores que atestam a raridade ou não de uma obra. Segundo Rabelo (2011, p.1) “a raridade de uma obra é medida e atribuída de acordo com critérios bastante específicos que não se limitam à idade ou ao número de exemplares existentes”. A autora, em seu trabalho de reportagem, traça um panorama de nove bibliotecas brasileiras de obras raras, onde os representantes

dessas instituições afirmam que ‘a raridade de uma obra é determinada por um conjunto de fatores’. Geralmente, sua classificação é baseada em critérios pré-estabelecidos pela Fundação Biblioteca Nacional.

Para Sant’Ana, (2001) além do livro, periódicos, mapas, folhas volantes, cartões postais, outros materiais impressos podem ser incluídos no conceito de obra rara. Porém, obras únicas e originais, como: fotografias, manuscritos, gravuras e desenhos não recebem a denominação de obra rara.

Segundo Silva (2013, p.17 apud PEROTA, 2007) “as obras únicas e originais, são denominadas de materiais iconográficos.” No entanto, em relação à preservação e conservação, devem receber o mesmo cuidado dispensado às obras raras. Sant’Ana ressalta ainda, que as obras raras devem ser consideradas raras sob um ponto de vista de uma coleção maior, no caso, as coleções especiais, dentro das bibliotecas.

Em geral, os gestores de bibliotecas e outras instituições que guardam livros considerados raros utilizam a importância histórica do livro e do seu conteúdo como principal argumento para determinar que uma obra seja rara e não o valor de mercado e a dificuldade de localização nas estantes.

Segundo Greenhalg (2013, p.3)

São considerados raros os livros que têm relevância histórica e cultural, sendo levados em consideração aspectos relacionados à sua importância para uma área do conhecimento, para um povo ou nação, para a humanidade como um todo e até mesmo para a própria área que trata sobre a “história do livro.”

Ainda, para Greenhalg (2013), quando um livro possui aspectos relacionados à existência de uma assinatura, anotações, ex-libris de alguma personalidade ou encadernação com materiais distintos utilizados na sua confecção, podem ser considerados como raridades. Um exemplo de inegável raridade é a dos chamados incunábulos, que correspondem aos primeiros impressos até o ano de 1500.

Na obra, *O que é um livro raro?* Pinheiro (1989, p.29-32) destaca algumas características que devem ser observadas pelas bibliotecas quanto ao quesito de raridade. São elas:

- Limite histórico: observar, por exemplo, os períodos que caracterizam a produção artesanal de impressos, bem como a fase inicial da imprensa em determinado lugar;
- Aspectos bibliológicos: observar aspectos como a presença de ilustrações produzidas artesanalmente, os materiais utilizados para a confecção do suporte na impressão, como: o tipo do papel, o emprego de pedras ou materiais preciosos na encadernação;
- Valor cultural: observar as publicações em pequenas tiragens, personalizadas, censuradas, expurgadas, as primeiras edições etc.;
- Pesquisa bibliográfica: existem dicionários e enciclopédias bibliográficos especializados neste tipo de publicação que apontam certas peculiaridades da obra, como preciosidade e raridade e
- Características do exemplar: observar as características particulares do exemplar que se tem em mãos, como: a presença de autógrafo ou dedicatória de personalidade importante, marca de propriedade e outros.

Segundo Pinheiro (1990) a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi quem buscou uma metodologia para considerar uma obra rara, pois através da avaliação do seu próprio acervo, estabeleceu princípios divulgados no Plano Nacional de Obras Raras, que trata de livros e periódicos separadamente, sendo utilizados em muitas bibliotecas.

Encontra-se no site da Biblioteca Nacional informação a respeito de sua história, que será transcrita abaixo, para que se tenha visão abrangente de suas características específicas.

A Biblioteca Nacional era antes chamada Real Biblioteca, depois Biblioteca Imperial e Pública da Corte e, desde 1876, chama-se Biblioteca Nacional (BN). Mas, ela é conhecida pelos brasileiros como Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 1910, a Biblioteca Nacional foi transformada em fundação de direito público, vinculando-se ao Ministério da Cultura, passando a se chamar Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Está situada na Avenida Rio Branco, n. 19, no centro do Rio de Janeiro. Sua arquitetura é do início do século XX. É a maior biblioteca da América Latina e a oitava do mundo. Seu acervo original calculado em cerca de 9 milhões de itens [...] O acervo trazido para o Brasil, de sessenta mil peças, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas foi, inicialmente, alojado numa das salas do Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo [...] www.bn.gov.br/portal

Figura 6 – Biblioteca Nacional



Fonte: <http://tesourobibliografico.files.wordpress>

Criada em 1946, a Seção de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional tem a função de garantir a conservação e a salvaguarda da coleção de livros raros mais importantes existentes em seu acervo. São mais de 50 mil obras abrangendo do século XV ao século XX, constituído por diversos materiais bibliográficos, como: livros, folhetos, folhas volantes e periódicos.

A seleção desses materiais é feita segundo parâmetros do Plano Nacional de Obras Raras (PLANOR) que os consideram raro ou precioso. Segundo esses parâmetros, não basta ser antigo, é preciso ser único, inédito, fazer parte de alguma edição especial, apresentar uma encadernação de luxo ou, até mesmo, ter o autógrafo de personalidades célebres, como: D. Pedro II, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado. A coleção se inicia com o acervo da Real Biblioteca, de D. João VI, trazida para o Brasil em 1808. Posteriormente, o conjunto foi enriquecido por aquisições e/ou por doações de importantes e históricas coleções.

O acervo de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda grandes tesouros culturais como a edição do poema *A Visita*, autografada por Carlos Drummond de Andrade, cuja obra é ilustrada com fotografias de Maureen Bisiliat e faz parte de uma homenagem paulista ao grande poeta. Igualmente preciosa é a

primeira edição de *Arte da Gramática da Língua Portuguesa*, mais usada na costa do Brasil, escrita pelo Padre Anchieta.

Encontram-se também neste acervo a famosa Bíblia de Mogúncia, impressa em 1462; a primeira edição de *Os Lusíadas* (1572); *O Renum Por Octennium*, Brasília, de Baele (1647), com 55 pranchas a cores desenhadas por Frans Post; o menor livro do mundo, que com apenas um centímetro de comprimento ensina o “pai nosso” em sete línguas.

3.1 Critérios de raridade

Para criar uma distinção entre as obras valiosas e as demais, tanto por parte das bibliotecas como entre os colecionadores, o uso de critérios de raridade prende-se ao fato de que as obras raras merecem um tratamento diferenciado devido ao seu alto valor histórico e monetário e, também, pela dificuldade na obtenção dos exemplares. Os responsáveis por bibliotecas públicas especializadas na guarda de livros raros e colecionadores, divergem entre os seus pontos de vistas quanto à definição do que seja uma raridade bibliográfica.

Ainda que o valor histórico de uma obra antiga ou de um clássico antigo seja reconhecido por ambos, geralmente os colecionadores não se prendem à antiguidade como característica de uma obra para que seja considerada rara, preferindo adotar o termo como sinônimo de algo valioso. Como um dos principais critérios de raridade, por sua vez, as bibliotecas referem-se à data, reconhecendo na obra a possibilidade de uso e não o simples valor monetário.

Segundo Moraes (1998, p. 65)

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem a ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.

Segundo Carteri (2005) não existe uma política norteadora da área de raridade bibliográfica que padronize o tratamento dispensado ao livro raro, havendo divergências, inclusive, sobre a própria determinação de raridade. Diferentes instituições adotam diversos procedimentos no tratamento do mesmo livro, com isso revela não apenas a divergência que existe na área, como também a ausência de diálogo eficaz entre os envolvidos na mesma. Além de confundir o leitor leigo, infelizmente, tais disparidades prejudicam a atuação dos próprios profissionais.

Atualmente não existe uma política nacional que oriente a identificação e qualificação de acervos raros, cada instituição, particularmente, elabora seus próprios procedimentos, relacionando critérios, muitas vezes baseado nas experiências de outras instituições, e na determinação de rara adotada pela Biblioteca Nacional (RODRIGUES, 2006, p. 115)

Vergueiro (2010) esclarece que “cada profissional deverá desenvolver os critérios mais apropriados para a coleção pela qual é responsável” Rodrigues(2006) adverte da possibilidade de que novos critérios sejam elaborados ou que esses já citados possam ser adaptados, afim de justificar a raridade bibliográfica

Para delimitação dos critérios de raridade, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tem como base o Plano Nacional de restauração de obras raras – PLANOR. Algumas bibliotecas se baseiam na BN.

Os critérios da BN são: primeiras impressões dos séculos XV e XVI; impressos dos séculos XVII e XVIII; livros do Brasil do século XIX; edições clandestinas; edições de tiragens reduzidas; edições especiais (de luxo para bibliófilos); exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-líbris); exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias); obras esgotadas.

Algumas bibliotecas elaboram seu próprio manual, como é o caso da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Segundo Rodrigues, (2007) trata-se de um acervo valioso para a UCS, porque pertenceu a personalidades importantes no meio científico e que atuou na vida pública da região.

Os critérios de raridade adotados pela UCS, são: livros impressos fora do Brasil até 1800; livros impressos no Brasil até 1860; livros impressos na região colonial italiana no Rio Grande do Sul até 1914. Edições de tiragens reduzidas e /ou limitada até 300 exemplares. Edições especiais; edições personalizadas; edições de

luxo; edições com anotações manuscritas de importância; edições censuradas; edições clandestinas; edições esgotadas. Trabalhos monográficos originais elaborados por personalidades importantes.

Segundo König (2010, p. 11) “os critérios de raridade não são definitivos, nem estáticos, pois cada instituição deve elencar aqueles que atendem às suas necessidades, de acordo com sua missão e seus objetivos”.

Os critérios de raridade adotados pela Biblioteca Central - BICEN da Universidade Federal de Sergipe estão vinculados à antiguidade e ao valor histórico-cultural. Cronologicamente levou-se em conta, para a determinação dos critérios, o surgimento da imprensa nos diversos lugares do mundo e/ou na região nordeste onde as obras foram impressas e, saindo da casa publicadora, são considerados raros todos os livros publicados artesanalmente.

Há também, no acervo da BICEN, livros com autógrafos de autores de grande importância para determinada área do conhecimento e/ou com anotações manuscritas, dedicatórias, correções de punho do próprio autor ou pessoa de renome, o que eleva o exemplar à condição de raridade bibliográfica.

A Diretoria de Coleções especiais e Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes, da Universidade Estadual de Campinas, aponta seus critérios institucionais como: porta-fólios com lâmina soltas; miniaturas; folhetos e panfletos até 1920; materiais impressos na América Latina de 1836 até 100 anos antes do ano corrente; materiais impressos de movimentos literários ou políticos; materiais impressos no Brasil de 1841 até 100 anos antes do ano corrente; obras e edições citadas em determinados repertórios; Publicações de história local

3.2 As coleções especiais

As coleções especiais fazem parte do acervo das bibliotecas, por serem especiais elas têm um tratamento diferenciado, geralmente elas ficam alojadas na seção de obras raras devido receberem o mesmo tipo de tratamento. Quem cuida desse acervo diferenciado é o profissional bibliotecário especialista nessa área. Há uma certa divergência a respeito dos exemplares que devem fazer parte de uma coleção especial e daqueles que devem ir para coleção de obras raras.

Segundo Sant’Ana (2007) “as obras raras devem ser consideradas raras sob um ponto de vista de uma coleção maior, no caso, as coleções especiais, dentro das

bibliotecas”. Para Nardino ; Caregnato (2005) as coleções especiais são obras que, independentemente da época em foram criadas, se destacam de alguma maneira por certas peculiaridades.

Dias;Pires (2003) definem coleções especiais como: “coleções de artes, publicações da universidade, publicação científica, acervos de pesquisadores e professores” Segundo Silva (2009, p.20) muitas bibliotecas consideram a coleção de matérias especiais como um tipo de coleção especial.

Os materiais eletrônicos, magnéticos, ópticos e os imaginéticos como um todo estão incluso no conceito de coleção especial. Os materiais especiais são denominados também de multimeios ou audiovisuais, sua utilização é importante porque eles dão suporte à informação. A coleção de Livro de Artista é considerada uma coleção especial. Constança Lucas³ ressalta que:

Os livros de artista são livros produzidos por artistas, na maioria para manuseio direto assim possibilitando uma aproximação física, tátil e visual com a produção artística. Os livros de artista são sempre edições especiais, podendo o artista fazer edição de exemplar único ou múltiplos exemplares. Os livros de artista são espaços de criação, onde se exploram vários tipos de narrativas, são locais privilegiados para experiências plásticas, no livro de artista é possível fazer uso de várias linguagens poéticas (artes visuais, poesia, literatura...) somando e criando interligações de tempo e espaço, tempo e movimento. É de extrema importância o desenho das palavras, as palavras como imagens, as imagens como palavras, com igual relevância poética.

Para a Repórter da Agência Brasil, Marli Moreira, a Biblioteca Brasileira Guita e

³Constança Lucas, é artista plástica licenciada em Educação Artística pela FAAP/SP e Mestre em Artes Visuais pela ECA-USP. De origem portuguesa, vive e trabalha no Brasil, precisamente em São Paulo.

José Mindlin, é um dos mais importantes acervos de livros do país. São mais de quarenta mil volumes, dentre os quais, exemplares raros da coleção particular do empresário e bibliófilo José Mindlin, que havia doado para a Universidade de São Paulo (USP), em 2006, antes de morrer. É uma rica coleção com cinco séculos de história. Parte desse acervo doado tinha pertencido ao bibliófilo José Rubens de Moraes, que desde sua morte, estava sob à proteção do casal Guita e José Mindlin.

Na Coleção Brasileira estão as obras de literatura, relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários, periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia e livros de artistas. Inclui ainda edições raras como, por exemplo, a primeira edição de *o Guarani*, de José de Alencar, de 1857; o original de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, de 1938; a primeira edição de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, de 1810. A Coleção Brasileira é um exemplo de coleção especial.

Outro exemplo de coleção especial é a Coleção Sérgio Buarque de Holanda, onde as autoras Tereza Cristina de Carvalho e Marta Regina do Val, no artigo intitulado: “A Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda: uma coleção muito especial”, relatam como surgiu a coleção que pertenceu à Sérgio Buarque de Holanda, que foi um historiador, crítico literário e professor de história da civilização brasileira da USP. A Biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda foi comprada, logo após a sua morte, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1983.

3.3 Edições de luxo

De acordo com a Divisão de Obras Raras/ PLANOR (Critérios de Raridade, [2001?]) são publicações atuais que imitam livros antigos. Muito admirados por colecionadores, são elaborados com a beleza tipográfica dos grandes impressores dos séculos XV e XVI. Geralmente, são ilustrados por artistas de renome e possuem tiragens limitadas. Impressos em papel de boa qualidade, podem estar em cadernos ou folhas soltas.

Normalmente, as obras consideradas edições de luxo, pertencem a um acervo que exige tratamento diferenciado, pois elas não preenchem os pré-requisitos para ser uma obra rara, nem para compor o acervo geral.

Segundo o dicionário Michaelis (1998, p.1285) luxo significa: “magnificência, ostentação, suntuosidade, pompa, qualquer coisa dispendiosa ou difícil de se obter, que agrada aos sentidos, sem ser uma necessidade”.

Entende-se que edição de luxo são livros que atraem o leitor por se diferenciarem dos demais pela sua ostentação e pompa.

O acervo de obras consideradas edições de luxo da BICEN, foi criado em 2006. O critério adotado para a criação desse acervo bibliográfico justificou-se pelo fato de que tais livros mereciam um tratamento diferenciado, seja por seu valor histórico, cultural, monetário, ou até mesmo pela dificuldade em se obter um exemplar. Este acervo foi composto em sua grande maioria por livros de artes, perfazendo um total de 800 títulos. Suas principais características são: obras com tiragens pequenas, ricas em fotografias; depoimentos; reproduções de obras de arte e publicados através de patrocinadores para bibliófilos ou instituições sem fins lucrativos.

São confeccionados em material de qualidade considerada superior: papel artesanal, encadernação em couro, com aplicações ou detalhes em ouro, pedras preciosas, madrepérolas, acondicionadas em caixas decorativas, etc.

O livro está muito além do que um mero valor comercial, quem o utiliza e tem contato com ele diariamente, sabe de sua importância para a história da humanidade. No capítulo 9, intitulado “o livro também é espírito”, da obra de Wilson Martins, ele ressalta que:

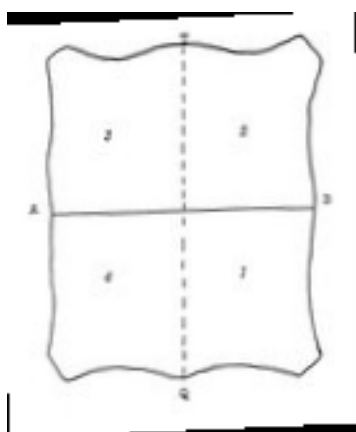
Com efeito, não podemos perder de vista que o livro não é, apesar de tudo, uma mercadoria como as outras. Ele tem um aspecto nobre, representado por suas origens espirituais e pelos fins a que se destina, seu emprego próprio não exclui, ante o pressupõe, a delicadeza de trato, o bom gosto, a finura intelectual, os ambientes em que a inteligência e não a matéria deve reinar soberanamente. Mesmo quando, na mão de um professor ou um escritor, ele não passa de um “instrumento de trabalho”, de uma “ferramenta”, o livro guarda na sua superioridade própria e venerável de veículo privilegiado, de forma pela qual a ideia se materializa e transmite. Assim, tanto quanto possível, o livro deve ser belo e valioso, inclusive como objeto e deve ser agradável à vista e ao tacto, como é agradável à mente. Reduzido à condição de mera mercadoria é vilipendiá-lo, é humilhá-lo na sua natureza e, o que é pior, é tornar o homem indigno dele. (MARTINS, 1996, p. 242)

O livro, mesmo sendo considerado uma mercadoria, o prazer pela leitura é muito relevante, e não deve ser esquecido. A seguir trataremos no próximo capítulo sobre a história da encadernação

4 HISTÓRIA DA ENCADERNAÇÃO

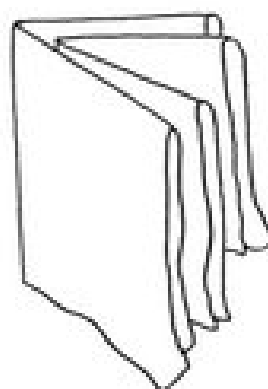
Com a invenção da imprensa não houve nenhuma mudança brusca na maneira de encadernar, ou seja, da mesma forma que se encadernavam os manuscritos, continuaram a encadernar os impressos. Os manuscritos, na primeira metade do século XV, em se tratando das encadernações dos livros de luxo, continuaram permanentemente a recobrir a lombada com tecidos preciosos, como: veludo, chamalote, damasco ou tecido de ouro, mas, geralmente utilizavam sempre couro de carneiro e de vitela, na Alemanha era utilizado couro de porco. Febvre, (2000, p.145)

Figura 7 – Divisão do pergaminho em quaternos



Fonte: Manual do Encadernador

Figura 8 – Dois cadernos



Fonte: Manual do Encadernador

O pergaminho era submetido a uma preparação para chegar a forma de cadernos. É citado acima dois exemplos dessa preparação.

Os incunábulos, por volta de 1480, eram guardados deitados ou conservados em estantes, por isso precisavam de encadernações pesadas e sólidas, acompanhadas de fecho de metal e cujas pastas eram enfeitadas de tachos designadas a proteger a própria encadernação. Esse trabalho era realizado nas oficinas de encadernação que existiam nos inúmeros conventos e perto da oficina onde ficavam os copistas. Febvre (2000).

Os incunábulos caracterizam-se pela semelhança aos manuscritos, pelo seu grande formato, raramente eles têm folha de rosto e numeração, mas (vezes por outra) o lugar de impressão e o nome do impressor ou editor, referem num colofão ou parágrafo final. A maioria é escrita em latim, como por exemplo: Livro de Horas,

Breviários, Missais, Livros de Piedade e Bíblias. A Bíblia de Gutenberg é o incunábulo mais importante. A expressão latina *in cuna* (no berço) refere-se assim ao berço da tipografia, e que deu origem ao incunábulo. Todo livro não escrito à mão Impressos com tipos móveis nos primeiros tempos da imprensa, são incunábulos.

Figura 9 – Incunábulos



Fonte: Manual do encadernador.

A partir de 1480, aproximadamente, o surgimento da imprensa começa a fazer os seus efeitos serem notados. Foi quando aumentou a quantidade de livros e eles se tornaram de uso corrente; surgiram as bibliotecas particulares e a monastia diminuiu sua exclusividade sobre os livros. Com isso, as oficinas dos conventos perderam um pouco sua utilidade enquanto as oficinas particulares tornaram-se numerosas.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, as encadernações comuns continuam a ser recobertos de vitela, sem outra decoração nas capas que não seja uma cercadura de filetes dourados. Para as encadernações mais cuidadas, utiliza-se correntemente o marroquim; quando os livros pertencem a um grande senhor ou a um colecionador, estes muitas vezes mandam gravar as suas armas no centro da capa. Alguns bibliófilos, contudo, no século XVII, continuam

a mandar executar encadernações decoradas com ferros pequenos, sobrecarregados de ouro e, quando a bibliofilia se desenvolve no século XVIII, a encadernação de luxo conhece, em França, um novo surto: encadernações ornadas com mosaicos, realizadas para o Regente e seus amigos; encadernações policromas decoradas num estilo inspirado na arte chinesa que, então, estava na moda e, sobretudo, encadernações “rendadas”, com as capas rodeadas por uma larga cercadura a quente, cujas decorações douradas lembravam rendas. (FEBVRE, 2000, p. 150)

Para este autor o século XVIII foi marcado pela qualidade na encadernação, sobretudo, na Espanha e França. Neste século, com o desenvolvimento da bibliofilia, a quantidade da encadernação de luxo aumentou, neste tipo de encadernação, os cortes eram pintados de vermelho e dourado. As encadernações de couro são substituídas por imitações ou tecidos decorativos.

No século XIX surgiram as primeiras produções industriais, os livros passaram a serem produzidos de modo industrializado. As capas dos livros adquirem um papel de qualidade melhor e são impressos desenhos gráficos coloridos, as encadernações de luxo não sofrem alterações etc.

No século XX são utilizados diversos couros, o encadernador é quem decide como ele quer a encadernação, fica à critério dele e à imaginação de cada um. As encadernações ficam mais simples, e são inspiradas no conteúdo da obra, são desenvolvidas as encadernações artísticas e artesanais de capas duras que são utilizadas até aos dias atuais.

ALGUNS CUIDADOS NA PRESERVAÇÃO DOS LIVROS

- Conservá-los a uma temperatura de 20°C e 24°C e a uma umidade relativa entre 45°C e 55°C
- Possibilitar a circulação do ar e assegurar a limpeza dos locais, onde se encontram, para evitar pó, poeiras.
- Manter as mãos sempre limpas e secas e usar ambas as mãos no manuseio de gravuras, impressos e páginas de jornais.
- Nunca colocar documentos, gravuras, etc., um sobre o outro diretamente sem proteção, pois os aditivos químicos de um poderão atingir o outro pelo efeito da migração.
- Nunca umedecer os dedos com saliva, ou qualquer outro líquido, para virar as páginas do livro, pois estas podem ficar manchadas e desencadear reações ácidas comprometedoras. Também nunca se deve usar fitas adesivas, em virtude da composição química da cola.

5 A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO

[...] o sentido de disseminar o conhecimento se inscreve no papel dos copistas que se dedicavam, nos mosteiros e depois nas universidades, às obras de autores gregos, entre eles: Sófocles, Ésquilo e Eurípedes e também, textos históricos das leis sagradas dos hebreus, o que facilitou a disseminação do judaísmo entre os gentios e o estabelecimento do Cristianismo. (MARTINS, 1996, p. 75)

Lyons (2011, p.50) a esse respeito diz que a disseminação do conhecimento provém da antiguidade, prova disso são os Rolos do Mar Morto que contém documentos valiosos em hebraico e aramaico e que trata da religião judaica. Foram descobertos por acaso por pastores beduínos, entre 1947 e 1956, no sul de Jericó. Outro exemplo é o Torá, o livro mais sagrado do Judaísmo, que contém os cinco livros de Moisés, do velho testamento, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. São ensinamentos importantes que marcaram uma época e que continuam a marcar nos dias atuais

Segundo a pesquisadora Terezinha Oliveira¹, as primeiras universidades surgiram na Europa durante a idade média, elas tinham ligação com a igreja ou com a corte real. Para o ingresso não existia limite de idade. Até os analfabetos podiam participar das atividades, casualmente.

As universidades foram e são as maiores disseminadoras do conhecimento. Foi dentro de seus espaços que se iniciou o desenvolvimento científico ou investigativo de maneira formal. Os copistas tinham um papel muito importante na preservação e difusão do conhecimento dentro dos mosteiros. Renato Pedrosa² afirma que no período moderno, as universidades modernas eram mais vinculadas à pesquisa, e as principais universidades da Europa já publicavam suas próprias revistas científicas, a partir de 1700. Com isso, o conhecimento humano se amplia e o conhecimento científico se afirma, uma vez que a ciência passa a ser produzida para suprir as necessidades do homem.

Para Carvalho (2006) disseminação é fazer chegar a informação às mãos dos usuários, de grupos de um determinado campo de pesquisa que trabalha assuntos

¹ Terezinha Oliveira (1930-2013) Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá-PR.

² Renato Pedrosa. Professor associado do Centro de Estudos Avançados da Unicamp

especiais. Consequentemente, a disseminação da informação e do conhecimento está fundamentada em coleções bem constituídas. Desde as fontes de informação formal registradas até as fontes de informação informais, não registradas.

Uma informação informal pode ser um panfleto que contenha informações sobre o funcionamento da biblioteca e se tiver informações sobre a existência de obras raras e coleções especiais é muito importante, porque mais usuários poderão ter acessos à essas obras.

Reifschneider (2008, p. 71) ressalta que “a questão do acesso à obra rara é delicada, já que estamos lidando com algo precioso, muitas vezes único, cuja perda pode ser irreparável”. O valor de um livro, seja pelo seu texto, ou mesmo como objeto, está justamente em seu uso, em ser lido, visto, estudado, apreciado. A questão que se coloca é o promover o acesso às obras raras e preservá-las para que esse acesso seja continuado? Para responder à essa pergunta, será abordado na próxima seção a questão da biblioteca digital.

5.1 Biblioteca Digital

As bibliotecas existem há vários séculos e o suporte papel é o material mais encontrado em seu acervo. A biblioteca procurou se adaptar aos avanços tecnológicos, já que o seu propósito é promover e disseminar as informações produzidas. Com o advento da internet, a informação tomou uma nova dimensão e devido a criação das bibliotecas digitais, as informações ficaram disponibilizadas diariamente, e para acessá-las é só ter em mãos um “note book”, um celular etc.

As informações contidas nos documentos das bibliotecas tradicionais são levadas ao mundo através da biblioteca digital. As duas deverão unir-se para poder custodiar e disseminar o conhecimento existente nos acervos das bibliotecas, principalmente quanto se trata das coleções de obras raras e coleções especiais.

Segundo Tammaro; Salarelli (2006) Em relação à definição de biblioteca digital, ainda não se chegou a um consenso comum a respeito do seu significado, pois existem várias formulações. Ao conceito de biblioteca digital são empregados dois termos como sinônimos: biblioteca eletrônica e biblioteca virtual. Mais dois termos surgidos: biblioteca híbrida e biblioteca multimídia tem afinidades com os dois termos anteriores.

Cunha (2000) cita em seu trabalho uma lista de bibliotecas digitais internacionais. Eis alguns exemplos: Diginews. Dublin: OCLC, 1979; Digital Preservation News, Washington, DC: Library of Congress; Information Technology and Libraries. Chicago: American Library Association; International Journal of Metadata Semantics and Ontologies; Journal of Digital Information; Journal of Information Architecture; Journal of Web Semantics; World Digital Libraries; Interoperability; Focus Discussion List.; Dublin Core Metadata Initiative; Open Archives Initiative (OAI).

5.2 Biblioteca Digital de Obras Raras

A Universidade de Campinas - UNICAMP, em 2011, foi a primeira a criar um projeto para obtenção de uma biblioteca digital de obras raras no Brasil, intitulado “BORA”. Em conjunto com as instituições de ensino mais modernas do mundo, esse projeto surgiu com a intenção de preservar e reunir todas as obras raras em um só local, para poder conservá-las e restaurá-las. É um projeto grandioso, no qual, inclui também um laboratório de restauro, onde trabalharão com os materiais danificados somente profissionais qualificados para o serviço. Seu acervo é estimado em 100 mil volumes.

Outra iniciativa para disseminação de obras consideradas raras é o projeto Overmeer da Biblioteca de Ciências Médicas da cidade de Manguinhos, da Fundação Osvaldo Cruz. A iniciativa de difundir digitalmente as obras raras da instituição iniciou-se em 2000, com a elaboração do ‘projeto Overmeer’ que tem por objetivo a digitalização do acervo de obras raras da Biblioteca de Manguinhos, objetivando sua preservação e disseminação, e assim enriquecendo o patrimônio cultural brasileiro (RODRIGUES, 2007, p.182)

A coleção de obras raras da Universidade de São Paulo é disponibilizada pela Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais (BORE) foi criada por meio do Projeto FAPESP “Infraestrutura para a pesquisa de coleções raras e especiais da USP/UNESP/UNICAMP: recolhimento, preservação, organização e disponibilização para acesso à comunidade científica nacional e internacional” para dar visibilidade aos conteúdos digitais da USP, UNICAMP e UNESP (UNIVERSIDADE, 2012).

Outra forma de disseminar o conhecimento, foi que em consequência da exposição intitulada “Livros Raros de Biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira, foi constituído um catálogo onde lista todas as obras raras que fundamentaram a exposição. Essa exposição foi oferecida pela divisão de obras raras da Fundação Biblioteca Nacional, e realizou-se entre julho e setembro de 2011, organizada pela bibliotecária Ana Virginia Pinheiro, em comemoração aos 100 anos da primeira escola de Biblioteconomia do Brasil.

Originada dos *Cursos da Biblioteca Nacional*, a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), completou 100 anos em 11 de julho de 2011. É um inventário de 25 obras em 26 itens sobre vários assuntos, dentre eles, a história do livro e das bibliotecas e história da fundação do Curso de Biblioteconomia. São obras do século XVI e século XX, muitos deles sobreviveram à enchentes e incêndios, contudo, seus registros de informação se apresentam de forma íntegra. A maioria desses livros e documentos originaram-se da Real Bibliotheca, outros são da Coleção Brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos levantados pela literatura sobre o tema obras raras, pode considerar-se, com vistas a atender aos objetivos do trabalho:

6.1 Em relação aos critérios de obras raras

Os critérios adotados pela Fundação Biblioteca Nacional para designar obras raras são: primeiras impressões dos séculos XV e XVI; impressos dos séculos XVII e XVIII; livros do Brasil do século XIX; edições clandestinas; edições de tiragens reduzidas; edições especiais (de luxo para bibliófilos); exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-líbris); exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias); obras esgotadas

Os critérios de raridade adotados pela Universidade Caxias do Sul são: livros impressos fora do Brasil até 1800; livros impressos no Brasil até 1860; livros impressos na região colonial italiana no Rio Grande do Sul até 1914. Edições de tiragens reduzidas e /ou limitada até 300 exemplares. Edições especiais; edições personalizadas; edições de luxo; edições com anotações manuscritas de importância; edições censuradas; edições clandestinas; edições esgotadas. Trabalhos monográficos originais elaborados por personalidades importantes.

Os critérios de raridade adotados pela Biblioteca Central - BICEN da Universidade Federal de Sergipe estão vinculados à antiguidade e ao valor histórico-cultural. Cronologicamente levou-se em conta, para a determinação dos critérios, o surgimento da imprensa nos diversos lugares do mundo e/ou na região nordeste onde as obras foram impressas e, saindo da casa publicadora, são considerados raros todos os livros publicados artesanalmente. São considerados, também, os livros com autógrafos de autores de grande importância para determinada área do conhecimento e/ou com anotações manuscritas, dedicatórias, correções de punho do próprio autor ou pessoa de renome.

A Diretoria de Coleções especiais e Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes, da Universidade Estadual de Campinas, aponta seus critérios institucionais

como: porta-fólios com lâmina soltas; Miniaturas; Folhetos e Panfletos até 1920; Materiais impressos na América Latina de 1836 até 100 anos antes do ano corrente; Materiais impressos de movimentos literários ou políticos; Materiais impressos no Brasil de 1841 até 100 anos antes do ano corrente; Obras e edições citadas em determinados repertórios; Publicações de história local

6.2 Em relação às edições de luxo

Da mesma forma, o levantamento da literatura permitiu entender, conforme demonstra a Divisão de Obras Raras/ PLANOR (Critérios de Raridade, [2001?]) que edições de luxo são publicações atuais que imitam livros antigos. Muito admirados por colecionadores, são elaborados com a beleza tipográfica dos grandes impressores dos séculos XV e XVI. Geralmente, são ilustrados por artistas de renome e possuem tiragens limitadas. Impressos em papel de boa qualidade, podem estar em cadernos ou folhas soltas. Normalmente, as obras consideradas edições de luxo, pertencem a um acervo que exige tratamento diferenciado, pois elas não preenchem os pré-requisitos para ser uma obra rara, nem para compor o acervo geral.

O acervo de obras consideradas edições de luxo da BICEN, tem por principais características: obras com tiragens pequenas, ricas em fotografias; depoimentos; reproduções de obras de arte e publicados através de patrocinadores para bibliófilos ou instituições sem fins lucrativos. São confeccionados em material de qualidade considerada superior: papel artesanal, encadernação em couro, com aplicações ou detalhes em ouro, pedras preciosas, madrepérolas, acondicionadas em caixas decorativas, etc.

6.3 Em relação às coleções especiais

Na literatura analisada sobre as coleções especiais encontra-se um trabalho de reportagem, no qual a repórter da Agência Brasil, Marli Moreira, conta a história da Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo. Relata a origem da Coleção Brasileira e sua importância para o conhecimento humano. E que se trata de uma coleção especial.

Outro exemplo é o artigo das autoras Tereza Cristina de Carvalho e Marta Regina do Val, intitulado: “A Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda: uma coleção muito especial”, onde elas contam como essa biblioteca foi comprada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1983, logo após a morte de Sérgio Buarque de Holanda, que foi um historiador, crítico literário e professor de história da civilização brasileira da Universidade de São Paulo (USP)

E em Nardino e Caregnato (2005) que consideram as coleções especiais como obras que, independentemente da época em foram criadas, se destacam de alguma maneira por certas peculiaridades.

6.4 Quanto à disseminação do conhecimento

Pôde-se observar que as universidades brasileiras e centros de pesquisa têm demandado esforços no sentido de criarem e de disponibilizarem suas bibliotecas digitais de obras raras, a fim de que os usuários possam ter acesso ao conteúdo dos documentos. Sabe-se que, por questões de preservação de originais, as obras raras não podem ser manuseadas, o que prejudica o acesso à informação. A partir da possibilidade criada pela tecnologia de se trabalhar com digitalização de obras e com a construção de bibliotecas digitais, deixa de existir a lacuna entre o suporte e o acesso à informação. Assim, o conteúdo contido nessas obras, que trazem os avanços do conhecimento produzido pela humanidade, pode, sem prejuízo à obra e nem ao leitor, ser utilizado e disseminado, contribuindo para a construção do saber.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Empresa Brasil de Comunicação**, 2013. Disponível em: <<http://www.memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-24biblioteca-com-colecao-de-livros-raros-de-jose-mindlin-e-aberta-ao-publico-em-sao-paulo>>. Acesso em: 4.mar.2014.

CARTERI, Karin Kreisman. O livro raro e os critérios de raridade. **Revista Museu**, 2005. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigo/art.asp?m=5484> .Acesso em: 20 dez. 2013.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002, 144 p.

CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka (orgs.). **O ideal de disseminar** : novas perspectivas, outras percepções. Salvador: Edufba, 2006.

CARVALHO, Tereza Cristina de; VAL, Marta Regina do. A Bilioteca Sérgio Buarque de Holanda: uma coleção muito especial. **Comciência- Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em: < www.comciencia.br/comciencia/handler.php?Section=8&edicao>. Acesso em 22.mar. 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da. Biblioteca Digital: bibliografia das principais fontes de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.39, n.1, p. 88-107, jan./abr., 2010.

FEBVRE, Lucien ; MARTIN, Henri. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, 506 p.

GREENHALG, Rafael Diego; MANINI, Miriam Paula. Segurança de obras raras como possível objeto de estudo da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, n.25, v.3, p. 255-261, set./dez. 2013.

KÖNIG, Carolina Patrícia. **Análise e identificação de raridade bibliográfica**: registros bibliográficos de obras raras sobre o Rio Grande do Sul em acervo de bibliotecas universitárias. 2010. 93 f. Monografia (Graduação em Ciência da Informação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.rabci.org/rabci/sites/default/files/TCC_-_versão_final-o_pdf. Acesso em: 28 jul. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003, 541 p.

MARTINS, Wilson. **Palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente a propriedade literária. 2.ed., São Paulo: Ática, 1996.

MANUAL de encadernação: manual do formador. Disponível em: <
www.Opac.iefp.pt:8080/imagens/winlibing.exe?key=&doc=73328&img=468>. Acesso em: 20.jan.2014.

MICHAELIS **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **O Bibliófilo Aprendiz**. 3.ed. Brasília: Briquet de Lemos, p.83-89, 1998.

NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O Futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em questão**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 387-407, jul./dez., 2005. Disponível em: <http://www.seerufgs.br/index.php/> Em questão/issue/view/6. Acesso em: 30 nov. 2013.

PEROTA, Maria Luisa Loures Rocha. **Multimeios**: seleção, aquisição, processamento, armazenagem, empréstimo. 4. ed. Vitória: Edufes, 1997.

PINHEIRO, Ana Virginia da Paz. A Biblioteconomia de livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, n. 5, p. 45-50, jan./dez. 1990.

RABELO, Maria Clara. As obras raras das bibliotecas brasileiras. **Comciência**, Campinas, n.127, 2011. Disponível em: < <http://www.Comciencia.br/comciencia/secton=8&edição=657id-827>> Acesso em: 5 ago. 2013

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. A importância do acesso às obras raras. **Revista Ibero – Americana de Ciência da Informação**, v.1, n. 1, p. 67-76, jan./jun., 2008.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. O Espelho do tempo: uma viagem pelas estantes do acervo de obras raras da Biblioteca de Manguinhos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p.180-194, set./dez. 2007

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Letras e memória: uma breve história da escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001

SIMÕES, Marco Antônio. **História da leitura: do papiro ao papel digital**. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SILVA, Priscila de Melo. **Promovendo e disseminando coleções especiais**. 2009, 64 f Monografia (Graduação em Biblioteconomia) Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/649/1/2009-PriscilaMeloSilva.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2014.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. **A Biblioteca digital**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais**. 2012. Disponível em: <http://bore.usp.br/sobre.html>. Acesso em: 20 fev. 2014.

VERGER, Jacques. Os Livros na Idade Média. In: **Homens e Saber na Idade Média**. Tradução [de] Carlota Boto. São Paulo, Bauru: EDUSC, 1999.

VERGUEIRO. Valdomiro. **Seleção de Materiais de Informação**. 3. ed., Brasília: Briquet de Lemos, 2010, 120 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - BIBLIOTECAS DIGITAIS BRASILEIRAS DE OBRAS RARAS

Biblioteca Nacional - <http://www.info.Ince.br/dimas/bibli-nac.htm>

Biblioteca Central da Universidade de Brasília - <http://www.unb.br/bce/>

Sistema de Bibliotecas da UFRJ – <http://www.ufrj.br/sibi/>

Biblioteca Central da Unicamp – <http://www.unicamp.br/bc/Hpce> 107htm

Sistemas de Bibliotecas da USP – <http://www.usp.br>

Sistemas de Bibliotecas e Arquivos da Universidade Federal Fluminense –
<http://www.ufl.br/ndc/cmf.html>

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia –
http://www.ufba.br/instituições/ufba/orgãos/biblioteca_central/coleção.html

Biblioteca do Senado Acadêmico Luiz Viana Filho –
<http://bdtextual.senado.gov.br/bdcol/bib/home.htm>

Departamento de obras raras da Biblioteca Central da UFRGS –
<http://www.biblioteca.ufrgs.br/1-rara.htm>

Fonte: Arquivo pessoal do autor

APÊNDICE B – CONCEITUAÇÃO SOBRE OBRAS RARAS, COLEÇÕES ESPECIAIS E EDIÇÕES DE LUXO

AUTOR	OBRAS RARAS	COLEÇÕES ESPECIAIS	EDIÇÕES DE LUXO
RABELO, (2011)	A raridade de uma obra é medida e atribuída de acordo com critérios bastante específicos que não se limitam à idade ou ao número de exemplares existentes”		
SANTANA, (2001)	As obras raras devem ser consideradas raras sob um ponto de vista de uma coleção maior, no caso, as coleções especiais, dentro das bibliotecas		
GREENHALG, (2013)	São considerados raros os livros que têm relevância histórica e cultural, sendo levados em consideração aspectos relacionados à sua importância para uma área do conhecimento, para um povo ou nação, para a humanidade como um todo e até mesmo para a própria área que trata sobre a “história do livro		
Dias;Pires, (2003)		Coleções de arte, publicações da universidade, publicação científica, acervos de pesquisadores e professores	
Pinheiro, (2008)	As simbólicas do labirinto e do invisível adequam-se perfeitamente à realidade do livro raro no Brasil		

Fonte: Arquivo pessoal do autor

APÊNDICE C- CONCEITUAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE RARIDADES

AUTORES/INSTITUIÇÕES	CRITÉRIOS DE RARIDADE DE OBRAS RARAS
Fundação da Biblioteca Nacional - FBN	Primeiras impressões (Séc. XV-XVI); impressões dos séculos XVII e XVIII; Brasil- séc. XIX; edições clandestinas; edições de tiragens reduzidas; edições especiais (de luxo para bibliófilo); exemplares de coleções especiais(regra geral com belas encadernações e ex-líbris); exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias); obras esgotadas.
Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe - BICEN	Estão vinculados à antiguidade e ao valor histórico- cultural. Cronologicamente levou-se em conta o surgimento da imprensa nos diversos lugares do mundo e/ou na região nordeste onde as obras foram impressas e, saindo da casa publicadora, são considerados raros todos os livros publicados artesanalmente.
Biblioteca Central César Lattes/UNICAMP	Porta- fólhos com lâminas soltas; miniaturas; folhetos e panfletos até 1920; materiais impressos na América Latina de 1836 até 100 anos antes do ano corrente; materiais impressos de movimentos literários ou políticos; materiais impressos no Brasil, de 1841 até 100 anos antes do ano corrente; obras e edições citadas em determinados repertórios; publicações de história local.
Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul -UCS	Livros impressos fora do Brasil até 1800; livros impressos no Brasil até 1860; livros impressos na região colonial italiana no Rio Grande do Sul até 1914. Edições de tiragens reduzidas e /ou limitada até 300 exemplares. Edições especiais; edições personalizadas; edições de luxo; edições com anotações manuscritas de importância; edições censuradas; edições clandestinas; edições esgotadas. Trabalhos monográficos originais elaborados por personalidades importantes.
Biblioteca Pedro Calmon da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Impressões dos séc. XV, XVI, XVII, XVIII. Obras editadas no Brasil até 1900. Primeiras edições até o final do séc. XIX. Edições com tiragens reduzidas com aproximadamente 300 exemplares. Edições de luxo. Edições clandestinas. Obras esgotadas especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas definitivas e diplomáticas. Obras autografadas por autores renomados. Obras de personalizadas de projeção política, científica, literária e religiosa. Exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-líbris) obras científicas e históricas que datam do período inicial de ascensão de cada ciência. Edições censuradas. Obras desaparecidas, face à contingência do tempo. Edições populares, especialmente romances e folhetos literários (cordel, panfletos). Edições de artífices renomados. Edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas. Teses defendidas até o final do séc. XIX. Periódicos estrangeiros dos séculos XV ao XIX. Primeiros períodos brasileiros técnico-científicos. Teses defendidas na UFRJ estão qualificadas como coleções especiais.
Universidade Federal Fluminense – UFF Biblioteca Mário de Andrade	Livros editados até antes de 1801, qualquer que seja o local de publicação; livros editados até antes de 1901 no Brasil, sobre o Brasil ou por autores brasileiros (Coleção Brasileira); livros editados até 1901 fora do Brasil; livros editados após 1901, em primeira edição, quando forem de editores renomados e de escritores modernistas e de vanguarda; livros artísticos ou de luxo, com tiragens limitadas e ilustrações originais.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

ANEXOS

ANEXO A – LIVROS DE ARTISTA



Fonte das imagens: <https://google.com.br/search?-livro+de+artista&biw=1366&bih=6382tbn=isch&tbo=&source=univ&as=x&ei=VxZhU9-eE9T12wW-60CIBQ&sqi>

ANEXO B- LIVROS MAIS CAROS DO MUNDO



Alice no País das Maravilhas.
Lewis Carrol. 1865



Bíblia Pauperum- 1460-1470

ANEXO C- LIVROS MAIS CAROS DO MUNDO



First Folio- William Shakespeare.1623



Don Quixote – Miguel de Cervants.1605-1615

Fonte:Pt.wikipédia.org./wiki/Anexo:Lista_dos_livros_mais_caros_domundo

ANEXO D - LIVROS MAIS CAROS DO MUNDO

De Humane Corporis fabrica- Andreas Versalius.1543



Evangelhos de Henrique, o Leão- Ordem Beneditina.1175